

UM OLHAR SEMIÓTICO SOBRE O CONTO A VENDEDORA DE FÓSFOROS: NOVAS POSSIBILIDADES DE LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA

Anne Helen Vieira de Farias¹

RESUMO

Este trabalho trata de uma “conversa”, entre professores, a respeito da missão de levarmos, à nossa sala de aula, a infinitude de saberes e sentidos presentes nos livros. Porém, é ciente entre nós, professores de língua portuguesa, o pensamento de que promover o letramento literário ainda é um constante desafio, visto que o trabalho com a palavra exige um esforço, um olhar voltado para o que está sendo dito no texto. Dessa forma, esse trabalho visa apresentar um caminho metodológico para a leitura literária a partir dos subsídios semióticos de Barthes (2007), que retratam os sentidos e a plurissignificação do texto. Partindo das reflexões barthesianas, este artigo propõe uma análise semiológica do conto “A vendedora de fósforos”, com a adaptação de Pedro Bandeira, do texto original de Hans Christian Andersen. No texto, pretende-se identificar como o jogo das palavras constrói pistas para que o leitor adentre aos sentidos e a plurissignificação do texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Ensino; Conto; Semiótica; Barthes.

A SEMIOTIC LOOK AT A VENDEDORA DE FÓSFOROS: NEW POSSIBILITIES OF LITERARY READING IN A CLASSROOM

ABSTRACT

This work is about a conversation between teachers about the mission of bringing to our classroom the infinity of knowledge and senses present in the books. However, it is well known among us, Portuguese-speaking teachers, that promoting literary literacy is still a constant challenge, since working with the word requires an effort, a look at what is being said in the text. Thus, this paper aims to present a methodological path for literary reading from the semiotic subsidies of Barthes (2007), which portray the meanings and the plurissignification of the text. Starting from the Barthesian reflections, this article proposes a semiological analysis of the tale “A vendedora de fósforos”, with the adaptation of Pedro Bandeira, from the original text by Hans Christian Andersen. In the text, it is intended to identify how the play of words builds clues for the reader to enter the senses and the plurissignification of the literary text.

KEYWORDS: Literature; Teaching; Tale; Semiotics; Barthes.

INTRODUÇÃO

¹ Aluna do curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS pela Universidade Federal do Acre-UFAC. Professora de Língua Portuguesa do quadro efetivo da Secretaria de Estado da Educação do Amazonas - SEDUC com especialização em nível de pós-graduação “latu sensu” em Língua Portuguesa – Área: Educação. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: annehelenvieira@gmail.com.

Trazemos para esse início uma passagem do texto de Valter Hugo Mãe: “os textos são mais do que gigantescos, são absurdos de um tamanho que nem dá para calcular. Mesmo os contos, de pequenos não têm nada” (2015, p.152). O autor mencionado retrata nas metáforas que constroem de sua arte literária, o objetivo desse trabalho. Esse trabalho trata-se de uma “conversa”, entre professores, a respeito da missão de levarmos, à nossa sala de aula, a infinitude de saberes e sentidos presentes nos livros.

Porém, é ciente para os docentes que ensinam literatura o pensamento de que promover a competência literária em sala de aula ainda é um constante desafio, visto que o trabalho com a palavra exige um esforço, um olhar voltado para o que está sendo dito no texto. E, na maioria das vezes, ainda falta, no professor, o conhecimento das inúmeras possibilidades de interação com a palavra que vão muito além de apenas reconhecer os elementos da narrativa ao propor uma leitura em sala de aula. Diante dessa premissa, concordamos que “ler não é buscar o que disse ou quis dizer o autor, mas sim revelar o que está no texto” (COSSON, 2018, p. 37).

Temos, nessa afirmativa, uma confirmação de que “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras”. (TODOROV, 2009, p. 27.). Ao mesmo tempo, há uma nova proposta de como podemos (e devemos) apresentar o texto literário aos nossos alunos, oferecendo-lhes a oportunidade de compreender o tecido dos significantes presentes no signo literário.

Barthes (2007) apresenta um novo olhar sobre o que é literatura e como esta pode nos ajudar a compreender o mundo por meio do trabalho com a linguagem.

Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visto portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido de significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. (BARTHES, 2007, p.16)

Partindo das reflexões barthesianas, este trabalho propõe uma análise semiológica do texto “A vendedora de fósforos”, com a adaptação de Pedro Bandeira, de um conto de Hans Christian Andersen. No texto, pretende-se identificar como o jogo das palavras constrói pistas para que o leitor adentre aos sentidos e a plurissignificação do texto literário.

Entendemos que o professor deve fazer uso de “textos que possibilitem o diálogo entre aqueles que o leem, que possibilitem variados caminhos de interpretação” (RITER, 2009, p. 65). Sabemos que estes caminhos de interpretação serão trilhados conforme a inserção do aluno ao mundo letrado, às suas experiências com as mais diversas leituras e dependendo ainda de seu relacionamento com os livros em sua prática social. No entanto, isso não significa que, embora o aluno ainda não tenha usufruído em seu cotidiano de práticas leitoras e que possua um restrito conhecimento de mundo, não possa experimentar sob a mediação do professor, do gosto pelas palavras. Para Gomes, “a leitura de um texto não se limita a dizer quais são os sentidos possíveis, mas sim compreender como eles são construídos” (2011, p.124).

O gênero conto mesmo possuindo a característica de ser uma história curta, dependendo de nosso mergulho sobre as plurissignificações do texto, nos levará a enxergarmos a extensão do texto, não pelo total de suas construções frasais, mas pela reflexão de mundo que este nos causa em sua leitura.

PERCURSO DA LEITURA LITERÁRIA: AS TRÊS FORÇAS DA LITERATURA NO CONTO “A VENDEDORA DE FÓSFOROS”

A análise do conto “A vendedora de fósforos” percorrerá o caminho das três forças da literatura de Barthes (2007): *Mathesis, Mimesis e Semiosis*. Iniciamos o percurso da leitura literária pela *Semiosis*. O conceito se exemplifica como um jogo das palavras, ou seja, os diferentes procedimentos que o autor utiliza para a construção do texto literário, uma vez que os objetos de predileção da Semiologia são:

os textos do Imaginário: as narrativas, as imagens, os retratos, as expressões, os idioletos, as paixões, as estruturas que jogam ao mesmo tempo com uma aparência de verossimilhança e com uma incerteza da verdade. Chamaria de bom grado “semiologia” o curso das operações ao longo do qual é possível – quicá almejado- usar o signo como um véu pintado, ou ainda uma ficção. (BARTHES, 2007, p. 39)

Por meio da semiologia, podemos construir os efeitos de sentido no conto em estudo a partir dos quatro primeiros parágrafos nos quais se realiza a composição da personagem. Nas interpretações de texto, em sala de aula, costumeiramente, o professor realiza, por meio de questionários, a identificação de personagem, tempo e espaço.

Propomos um percurso literário em que a leitura do texto não seja reduzida tão somente a identificação dos elementos do enredo da narrativa. Para tanto, a partir de

agora, citaremos trechos do conto “A vendedora de fósforos” e oferecemos as pistas de como o aluno e o professor poderão ver nas linhas e nas entrelinhas as três forças da literatura propostas por Barthes (2007).

Na análise semiológica, o professor deve indagar aos alunos sobre a forma como o narrador descreve a personagem no segundo parágrafo: “Sozinha, naquela noite de inverno rigoroso, andava pelas ruas uma garotinha pobre, descalça, com a cabecinha descoberta” (BANDEIRA, 2018, s/p). Há uma personagem desprovida de tudo, pois além da descrição do seu ínfimo vestuário, o vocábulo, *sozinha*, sugere a falta de afeto, de proteção.

O cenário, logo em seguida anunciado, também tem uma forte contribuição para o desenvolvimento do enredo da história, podendo até ser caracterizado como um personagem no conto: “Fazia um frio terrível, nevava e já tinha escurecido há bastante tempo” (BANDEIRA, 2018, s/p).

O espaço ainda contribui para uma margem de interpretação no qual podemos inferir um anúncio da morte da protagonista com o uso de vocábulos como “roxos”, “frio”, “enterrando-se”, utilizados na construção do quarto parágrafo: “Com seus pezinhos nus, roxos de frio, enterrando-se enregelados na neve fofa das calçadas a menina vagava” (BANDEIRA, 2018, s/p). Compreende-se, já na situação inicial, que a vendedora de fósforos não teria como sobreviver diante do cenário descrito.

O enredo desenvolve-se demarcando a presença de um narrador heterodiegético, ou seja, por meio das próximas situações de conflitos que a protagonista vivenciará, perceberemos que o narrador sabe de tudo, detalha e afirma com propriedade a respeito dos sentimentos e pensamentos da protagonista, como podemos confirmar em construções frasais como: “faminta”, “tremendo de frio” em: “Faminta, tremendo de frio, a pobrezinha olhava as janelas iluminadas nas casas que se preparavam para a ceia de Ano Novo”. (BANDEIRA, 2018, s/p). A caracterização do narrador ainda é confirmada no mesmo parágrafo, em que há demarcação do conflito:

Não ousava ir para casa, porque o padrasto bateria nela por não ter conseguido vender nem uma caixinha de fósforos. Chegar em casa sem trazer algum dinheiro era surra na certa. Na verdade, mesmo tendo de levar uma surra de cinta, ela gostaria de estar naquela hora aconchegada no meio dos trapos onde dormia todas as noites, embora soubesse que continuaria a sentir frio [...] (BANDEIRA, 2018, s/p).

O narrador expõe um sofrimento da personagem, e a situa em um contexto de conflitos emocionais, apresentando, na narrativa, uma desagregação familiar. “Ela já não tinha mais mãe, nem pai, e sua avó havia morrido” (BANDEIRA, 2018, s/p). A figura familiar com quem a vendedora de fósforos morava é apresentada como padrasto malvado, exemplificado no trecho porque o “padrasto bateria nela” (BANDEIRA, 2018, s/p).

Ainda sobre o parágrafo citado, o texto nos permite dar uma plurissignificação à construção: “embora soubesse que continuaria com frio” (BANDEIRA, 2018, s/p). Ao realizar uma segunda leitura vimos que esta frase conota mais do que um aspecto físico, corporal, não é somente a certeza do frio, relativo ao cenário da história.

Continuar com “frio” é revelar que mesmo voltando para casa, permaneceria carente de amor, pois o que ela realmente queria era estar naquela hora aconchegada, e o texto nos revela que o padrasto não seria capaz de oferecer esse aconchego, por não sentir afeto por ela.

A personagem sofre com a ausência de tudo que ela necessitaria naquele momento, como sentimentos de proteção e condições mínimas de sobrevivência. O conto “A vendedora de fósforos” por ser classificado como um conto maravilhoso prossegue em seus próximos parágrafos para a configuração de um espaço entre a “realidade” e a fantasia. É um momento em que a personagem transita entre a vida “real” e a imaginação de como ela gostaria que sua vida fosse.

A partir do primeiro fósforo aceso, começam a surgir representações do que ela mais necessitava naquele momento como aquecer-se, alimentar-se, e sentir-se feliz em meio ao seio familiar. Podemos identificar isso no trecho:

Talvez, se acendesse um dos fósforos, poderia esquentar-se um pouco. Com os dedos endurecidos, riscou um fósforo. A chama ardeu na mesma hora. Que beleza! Envolveu a chama com a mão. Clara e quente, parecia uma velinha de Natal! (BANDEIRA, 2018, s/p).

Percebemos também a presença do fantástico, característica intrínseca dos contos maravilhosos, na passagem a seguir:

A menina viu-se sentada dentro da sala que havia visto há pouco [...]. O fogo da lareira crepitava alegremente e aquecia tanto, tanto... Maravilha! Riscou mais um fósforo, que acendeu claro, brilhante [...]. E ela viu uma sala grande, aquecida onde estava uma mesa [...]. No centro da mesa, um ganso assado

fumegava [...]. Ela acendeu outro fósforo. Na mesma hora, viu-se sentada sob os ramos da mais linda árvore de Natal [...] (BANDEIRA, 2018, s/p).

Todas essas visões da personagem permeiam um diálogo interessante em sala de aula, pois o professor pode mediar um diálogo em que o aluno toma posse de uma maior interação com o sentido das palavras, uma vez que o texto literário nos oferece a possibilidade de “ler não apenas pelo ato de ler, mas ler com a consciência do que significa ler, buscando sentidos naquilo que é lido” (RITER, 2009, p. 63).

Permeando ainda as possíveis significações que um signo literário pode obter numa leitura semiológica, pode-se ir além do que aqui já foi dito sobre a simbologia do acender o fósforo nesse conto. Esta ação da personagem pode ainda ser associada ao momento da criação literária, uma vez que todas as vezes que ela acendia um fósforo, uma luz resplandecia e um mundo maravilhoso surgia fazendo florescer seus anseios e sonhos.

Assim também pode ser o momento do nascimento de uma obra, no qual podemos fazer uma analogia com o fósforo aceso e o surgimento da ideia, da criação literária, onde não existe mais autor, e sim linguagem. “As palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa” (BARTHES, 2007, p. 20).

Retomando a sequência da narrativa, nos quais os objetos de desejo começam a desaparecer, a vendedora de fósforos vê uma estrela caindo no céu e diz: “Isso é sinal de que alguém vai morrer” (BANDEIRA, 2018, s/p). Nessa fala, o narrador dá mais uma pista do final infeliz da personagem no momento que ressurge a lembrança da avó, representação no conto do sentimento de amor para a personagem. Segue trecho do conto: “Uma das estrelas caiu, traçando um longo risco de fogo no céu. Isso é sinal de quem alguém vai morrer..., pensou a menina, lembrando-se de sua querida avó, a única pessoa neste mundo que lhe quisera bem”. (BANDEIRA, 2018, s/p).

O final do conto se materializa sem a resolução do conflito e com a construção de um final atípico dos que costumeiramente nos são apresentados nos contos maravilhosos. Fomos acostumados desde a infância, a ler nos desfechos de contos: “e foram felizes para sempre”.

Esse condicionamento ao final feliz se refuta quando a protagonista decide que a morte era a válvula de escape para se livrar das tormentas que a acompanharam durante

a vida. A retomada das palavras “frio” e “fome”, no trecho a seguir, confirma que a morte foi suscitada como a libertação de tudo que outrora, a fizera sofrer:

Vovó![...] Leva-me contigo! Sei que não mais estarás aí quando o fósforo se apagar. Desaparecerás, como a boa lareira, o delicioso ganso assado e a grande, linda árvore de Natal![...] O clarão dos fósforos tornou-se mais intenso que a luz do dia. Nunca a avó fora tão grande e bela! Ergueu a menina nos braços e as duas voaram, felizes, para as alturas, onde não havia frio, nem fome, nem apreensões. Voaram para junto de Deus. (BANDEIRA, 2018, s/p).

O eufemismo utilizado no final não ameniza, de certo modo, a tristeza que provavelmente o leitor poderá sentir pela morte da protagonista, mas o professor pode encaminhar a discussão desse desfecho para uma reflexão: Será que a morte foi um fim triste para a personagem? Mesmo sendo triste para a recepção do leitor, não teria sido um alívio para a menina? Muitas questões poderão ser levantadas a partir dessa nova apresentação de final de história, as quais poderão servir para desconstruir a certeza dos finais felizes, que nem sempre estão presentes em nossa vida.

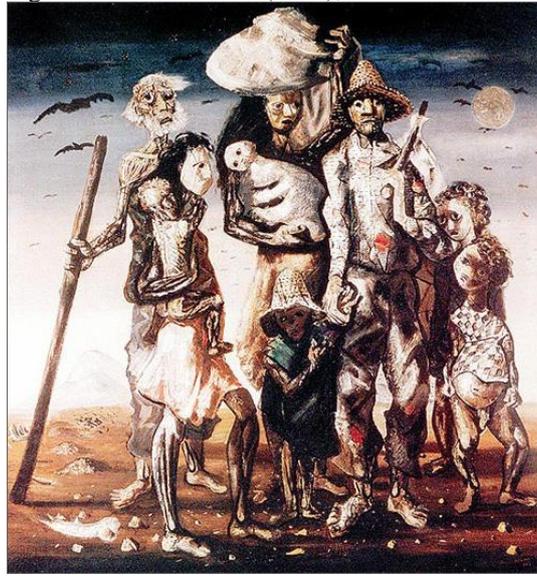
INTERTEXTUALIDADE

Com base nesses pressupostos, iniciamos o segundo percurso literário, no qual falaremos sobre intertextualidade. Na análise semiológica, os elementos intertextuais identificados correspondem a *Mathesis*, visto que “a literatura assume muitos saberes” (BARTHES, 2007, p.17). Nesse conto, há a presença de um saber histórico-social que ajudará na compreensão do desencadeamento das ações vivenciadas pela personagem.

Primeiramente, o professor pode ajudar o aluno a compreender os aspectos físicos e sociais em que a personagem estava inserida propondo a interdisciplinaridade com o quadro “Os Retirantes” (1944), do artista Candido Portinari. Essa sugestão atende ao convite de Cosson quando nos propõe a “verificar como a literatura atravessa as várias manifestações que transitam pelo seu espaço discursivo” (2018, p. 18).

Ao analisarmos a obra de Portinari (1944), pode-se identificar uma verossimilhança na composição das personagens, haja vista que a principal temática apresentada na pintura é a mesma vivenciada pela personagem do conto em estudo: a fome e a miséria.

Figura 1- Os Retirantes (1944), Candido Portinari.



Fonte: www.portinari.org.br

A situação de pobreza se faz muito presente na composição da personagem durante todo o conto. Isso acontece quando o narrador descreve sua aparência física e sua condição social: “uma garotinha pobre, descalça com a cabecinha descoberta tentando vender palitos de fósforos em meio a uma noite de inverno rigoroso na Dinamarca” (BANDEIRA, 2018, s/p). E ainda quando retrata as condições míseras da casa onde a vendedora de fósforos morava: “o casebre não tinha forro e o vento assobiava atravessando as falhas do telhado mal tapadas com palha e trapos” (BANDEIRA, 2018, s/p).

A intertextualidade com a pintura “Os Retirantes” se estabelece pela forma como Portinari compõe as personagens, retratando uma cena de família de retirantes extremamente carentes de condições mínimas de sobrevivência. Os aspectos físicos das oito pessoas que estão na pintura carregam uma denúncia social também encontrada no conto: o descaso da sociedade. Essa afirmação será esclarecida no último percurso literário.

Muitas temáticas podem ser discutidas em sala de aula a partir da análise intertextual. Além dos aspectos físicos das crianças na pintura serem bastante verossímeis com a composição da personagem do conto (pés descalços e outras variáveis que denotam o aspecto de pobreza), podemos destacar ainda a abordagem das variantes no clima. No conto, a narrativa é situada num cenário de frio terrível, em “Os Retirantes”, há o contraste com o calor intenso advindo da seca do Nordeste.

Quanto às condições climáticas opostas identificadas nos dois textos é importante ainda frisar que elas são predominantes para situar as personagens em situações de conflito: a fome retratada nas personagens de Portinari, consequência do clima seco, árido da região habitada. Em “A Vendedora de fósforos”, o frio que compõe o cenário da narrativa assume o papel de vilão por levar a personagem à morte.

Cosson discorre sobre a cadeia temática e afirma que “o trânsito de uma obra a outra, a passagem de um veículo a outro, acontece justamente porque o terreno em que eles se movem é comum: o espaço literário” (2018, p. 19). Nesse sentido, o professor é incumbido de promover esse encontro entre obras literárias, mesmo que sejam de gêneros textuais diferentes, mas que possuindo aspectos em comum, conversam entre si, ajudando assim, a promover uma amplitude na construção de sentidos do texto.

A denúncia social citada anteriormente, presente em ambas as obras, nos permite transitar para mais uma força da literatura: *Mimesis* – “força de representação” (BARTHES, 2007), uma vez que a literatura é a representação do real, ao mesmo tempo em que a “realidade” não é possível de ser representada. A última proposta nessa análise semiológica do conto “A vendedora de fósforos” é reconhecer na personagem a sua representatividade social de acordo com as informações do texto.

Já foi possível compreender até aqui que temos uma menina, sem nome, vítima de uma desestrutura familiar e de um descaso da sociedade frente as suas condições de miséria, conforme pode ser comprovado no trecho:

Todos os dias, o padrasto malvado a mandava para as ruas, para vender caixas de fósforos para os transeuntes. Mas ninguém lhe comprara nem um palitinho de fósforo durante aquele dia inteiro. Ninguém lhe dera sequer uma moedinha. (BANDEIRA, 2018, s/p).

Conforme uma análise do contexto social no qual esse conto foi criado, Faria (2010) afirma que:

entre 1814 e 1830, a Dinamarca enfrentou seria estagnação econômica, sendo o seu período de maior pobreza. Foi nesse cenário que H. C. Andersen (1805-1875) viveu, em uma época em que as diferenças sociais faziam-se evidentes e totalmente excludentes. (FARIA, 2010, p.101).

A autora supracitada ainda acrescenta:

A garota pobre, portanto, representa os desafortunados, uma camada social desprovida de condições mínimas para a sobrevivência, um grupo que sofre o descaso social. Para que essa relação fosse possível, o autor não identifica a personagem com um nome (FARIA, 2010, p.151).

Com base nesses pressupostos, o professor pode proporcionar aos alunos uma oportunidade de refletirem sobre os problemas sociais que os circundam, trazendo à tona em debates temas que estão constantemente sendo discutidos na mídia televisiva, publicados em redes sociais ou até mesmo sendo observados, *in loco*, em sua comunidade, como menores abandonados, trabalho infantil, desestrutura familiar e crianças que vivenciam situações de fome e extrema pobreza.

Nessa discussão, em sala de aula, acerca das problemáticas que enfrentamos em nosso contexto social, atende-se à concepção de linguagem e participação social abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000). Segundo os PCNs de Língua Portuguesa:

o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (2000, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As forças da literatura de Barthes (2010) apresentadas nesse trabalho sugerem um novo olhar do professor para o trabalho com o texto em sala de aula, visto que antes de fazer indagações, numa aula de leitura, sobre o que o autor quis dizer, devemos, antes de tudo, provocar o leitor a realizar uma compreensão além da superfície do texto.

Desvelar o jogo das palavras, adentrar ao mundo dos sentidos que o texto nos oferece no ato da leitura surge como uma nova perspectiva para o professor de língua portuguesa em seu fazer pedagógico, pois é certo que nossa formação acadêmica (aqui, falo especificamente dos cursos de graduação) não nos convida e não nos oportuniza experiências significantes de leitura e interpretação.

Porém, quando buscamos, incessantemente, o conhecimento e associamos todos os novos saberes à nossa prática docente, quando conseguimos *tirar o véu dos sentidos*, não somente os alunos terão a satisfação de sentir “o sabor das palavras” (BARTHES, 2010). Como afirma Teixeira:

Professores de língua e literatura, avessos ao pragmatismo das tarefas concretas, não constroem pontes nem curam doenças, mas teimam em despertar em outras mentes e em outros corações o gosto pelo saber e pela poesia, a intimidade com a língua e a compreensão de que estar no mundo é estar na linguagem. Para ler e interpretar a literatura é preciso uma disposição de alma, um estado de ânimo aberto para o sopro inquieto da palavra literária. (TEIXEIRA, 2011, p.141).

A palavra literária foi quem nos conduziu até aqui, e esperamos que essas linhas possam ter atingido seu objetivo, com as quais buscamos falar de professor para professor, sobre uma proposta de leitura literária em sala de aula, a qual exige, a partir dessa leitura, “um olhar semiótico pousado sobre o texto” (BARTHES, 2010, p. 34), e influi ainda um trabalho de abstração, sempre direcionados pelas pistas que o texto oferece e que nos conduzem a inferir a construção de sentidos do texto.

Dessa forma, contribuiremos para o desenvolvimento de leitores proficientes nas mais variadas práticas comunicativas que circundam o cotidiano e, mais ainda, quem sabe o mais importante, ter a grata satisfação de proporcionar à vida de nosso alunado “um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível” (BARTHES, 2010, p. 45). Eis um novo desafio!

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. **A vendedora de fósforos**. Biblioteca Pedro Bandeira. Disponível em: www.bibliotecapedrobandeira.com.br. Acesso em: 26 julho. 2018.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977/ Roland Barthes; tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FARIA, Fernanda Cristina Ribeiro. **A estética da recepção contribuindo para o ensino de Literatura infantil**: uma experiência com o conto A pequena vendedora de

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

fósforos, de Hans Christian Andersen (1805-1875). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010.

GOMES, Regina Souza. **Semiótica e Ensino: Modalização e Leitura do Texto**. In: **Ensino de língua e literatura-Reflexões e perspectivas interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

Os Retirantes. Portal Portinari. Disponível em: www.portinari.org.br. Acesso em: 26 julho. 2018.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

TEIXEIRA, Lúcia. **Leitura e interpretação de textos: contribuições da teoria semiótica**. In: **Ensino de língua e literatura – Reflexões e perspectivas interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.